

A

**Coordenador/ Professor/Antropologia Social pelo
PPGAS/MN/UFRJ**

EDMUNDO PEREIRA / MNA 701 Teoria Antropologia I –
Email: edmundopereira@mn.ufrj.br

reinaldopotiguara@gmail.com

REINALDO DE JESUS CUNHA

DRE:122023596

R E S E N H A

FRANZ URI BOAS/ RUTH BENEDICT/ MARGARET MEAD/RUTH BENEDICT/EDWARD SAPIR

O intelectual Franz Uri Boas, é um dos mais proeminentes antropólogos pois Malinowski. De origem Judia, nasceu em Vestefália, mas vivendo boa parte de sua vida na Alemanha, onde conheceu Adolf Bastian, patriarca da antropologia alemã, na ocasião em que era diretor do Museum fur Volkerkund, por ele mesmo fundado em 1873. Devido as dificuldades materiais em Berlim; Franz Boas foi para o Canadá para estudar os esquimós em 1883, onde passou boa parte de sua vida, até mesmo acreditando ser um deles. Diferente do observador participante que celebrou Malinowski no seu livro os Argonautas do Pacífico Ocidental dos Arquipélagos da Nova Guiné, que passou a ser referencial teórico e/ou mesmo nova abordagem da antropologia social. Boas, sucedâneo de uma nova antropologia cultural. Aos 39 anos, passou boa parte da sua vida, em sua pesquisa convivendo com os Esquimós no ártico. O que possibilitou adquirir grande conhecimento prático, e consagrando-se como uma pessoa proeminente e referencia acadêmica. Depois dessa longa convivência com os esquimós, Boas se mudou para os Estados Unidos onde permaneceu por seis meses, e em seguida mudando-se para a Alemanha no ano de 1885. Em 1887, passou a ser editor de uma revista Science, o que possibilitou ficar por até dois anos, e por mais três como professor de Antropologia da Clark University. Mas tarde intercalou seus estudos sobre índios

americanos. Como Judeu, sentindo a perseguição do seu povo pelo antissemitismo, sai da Alemanha nazista, mudando-se para Europa. Dentre saídas e volta para Alemanha. Boas resolve fixar residência nos Estados Unidos em definitivo; O que possibilitou tornara-se cidadão americano em 1891. Uma das grandes obras escritas por Boas, de grande significado histórico, foi quando era relativamente novo, aos trinta e oito anos quando escreveu: “*As Limitações do Método Comparativo da Antropologia*”, publicado em 1896, para a então nascente antropologia cultural. Em sentido contemporâneo, podemos afirmar que a antropologia cultural, se posiciona em contraposição ao ‘evolucionismo cultural e/ou novo método’. Segundo Boas, seu questionamento figurava-se nas seguintes hipóteses e questionamentos: “Antes de supor que os fenômenos semelhantes pudessem ser atribuídos a mesma causa; Era preciso perguntar a cada caso, as diferenças que existem e não implícitas e imperceptíveis. Pois os aspectos culturais de um determinado povo, não são os mesmos para outros povos”. Ao questionar-se com relação aos aspectos culturais e sociais de uma determinada cultura, Boas responde: “Eles não teriam se desenvolvidos independentemente? Ou seria transmitido de um povo para o outro? E/ou ao contrário do que faz crer o método dedutivo dos evolucionistas?” Outro ponto emblemático era quanto ‘o método da indução empírica’, pois esse método se opunha ao dedutivo por colocar tudo no mesmo contexto, como se fosse um balaio”. Com relação ao ‘novo método’ (histórico); Boas, defendia a ideia de oposição ao método comparativo, tendo em vistas que era necessário o estudo de culturas estudadas individualmente e de regiões culturais delimitadas. Pois, entendia que os estudos das regiões geográficas; A grande diversidade cultural existente entre povos sobre as mesmas geográficas, reforçam a ideia de quem nem todas as culturas são iguais. Embora expusesse críticas a autores como: Lewis Henry Morgan, Eduward Burnett, e Daniel G. Brinton, seus contemporâneos nos Estados Unidos. Boas refutava também os ‘evolucionistas’ e os ‘difusionistas’ que em certa medida, contrapunham ao método evolucionista. Para Boas: “O novo método colocava toda a narrativa na diversidade cultural humana na ideia de difusão de um único caminho evolutivo”. Segundo Boas: “Cada ser humano ver o mundo na perspectiva cultural que cresceu”. Pois, comenta: “O antropólogo deve sempre relativizar suas próprias convicções, ante a ideologia fascista que homogeneíza todos”. Outro ponto importante destacar. Boas sofreu com o racismo e ocupação alemã na Europa. Nessa época o nacional socialismo defendia a ideia e o discurso de uma raça pura, superior, levando ascensão do

partido nazista de Adolfo Hitler ao poder. Contrapondo e militando em campos opostos. Boas, refutou a ideologia alemã, “quando questionou a identificação e o valor do indivíduo pela cor da pele”. Segundo Boas: “A cor da pele é superficial, pois existem variedades de indivíduos; linhagens familiares de uma mesma família; Até de um mesmo povo”. E sustentou: “A ideia de raça pura simples, é racista. Pois, para compreender uma sociedade ou nação, é necessário além dos estudos de cada indivíduo, estudar as questões geográficas, culturas locais, e não supostas características raciais”, sublinhou. “Quando encontramos traços singulares de cultura distintas; isto é, quando encontramos traços singulares de cultura entre povos distantes; Não devemos supor que tenham havido uma causa histórica comum entre eles”. E para reforçar esse entendimento, Boas entende que quando interpretados segundo a suposição de que as mesmas causas são iguais: “Leva-nos à conclusão de que existe um sistema pelo qual a humanidade se desenvolveu em todos os lugares, e que todas as variações observadas não passam de detalhes menores dessa evolução uniforme”. E salienta: “A sociedade abrange muitos indivíduos e tem características variáveis em termos mentais. Dentre outros fatores fundamentais. Boas aponta como forma e fontes diferentes de cada povo: “A constituição biológica, as condições sociais, e as especificidades sob as quais cada povo cresceram em suas comunidades”. E adianta: “Embora os povos tenham modos similares de comportamento; Há inúmeros casos nos quais podemos encontrar uma clara marca da cultura sobre o comportamento da grande massa de indivíduos expressa pela mesma mentalidade”. E conclui: “Nem todas as nossas normas são categoricamente determinadas por nossa qualidade de seres humanos, pois várias delas mudam com as circunstâncias”. E finalmente finaliza: “É nossa tarefa descobrir, dentre todas as variedades do comportamento humano. Aqueles que são comuns a toda a humanidade, universalidade e variedade das culturas”. Com relação ao estudo da antropologia, acrescenta: “Podem nos ajudar a moldar o futuro do curso da humanidade”. Outro trabalho importante de Franz Boas, foi seu convívio “Um Ano Com os Esquimós” no Ártico.

RUTH BENEDICT

A antropóloga Ruth Benedict, contemporânea e sucedânea dos estudos da cultura antropológica, e sucedânea de Franz Boas. Trouxe em seus estudos da cultura local, grande contribuição aos estudos antropológicos. Com relação ao seu estudo sobre o método

de construção humana. Destacou a importância do método evolucionário na análise de culturas locais, dedicados a desvendar as diferentes formas culturais. Em sua obra: 'Padrões de Cultura'. Ruth Benedict, enfatizou a importância do método, e como tender o significado da palavra cultura; E/ou derivados de uma mesma cultura. Para Benedict: "O desejo de entender o significado de uma cultura como uma Totalidade, nos leva a considerar descrições de comportamento padronizado apenas como um recurso que acarreta outros problemas". Para Benedict: "Devemos compreender o indivíduo vivendo na sua cultura e a cultura vivida por indivíduos. Com relação o estudo da antropologia e as ciências sociais, Benedict assim distinguiu: "A antropologia entre as ciências sociais é que estuda seriamente outras sociedades além da nossa". Segundo Benedict: "A história de vida da pessoa é primeira e acima de tudo uma adaptação aos padrões e critérios tradicionalmente transmitidos de uma geração para outra na sua comunidade". E acrescenta: "Desde o nascimento do indivíduo, os costumes da sociedade em que ele nasce moldam sua experiência e seu comportamento; Quando aprende a falar, ele é a pequena criatura de sua cultura, e quando se torna adulto e pode participar das atividades dela, os hábitos, as crenças e as impossibilidades dessa cultura são também os hábitos, as crenças, e as impossibilidades dele". Com relação a formação da personalidade infantil, Benedict, argumenta: "Toda criança que nascer no grupo desse indivíduo há de compartilhar tais hábitos, crenças e impossibilidades, e nenhuma criança nascida num grupo no lado oposto do mundo poderá adquirir sequer a milésima parte deles. Não há problema social que nos caiba compreender mais do que este do papel do costume. Enquanto não entendermos suas leis e variações, os principais fatos que complicam a vida humana continuarão ininteligíveis". O estudo da civilização ocidental e da antropologia social, diz Ruth Benedict: "Alastrou-se mais do que qualquer outro grupo local de que se tenha conhecimento até agora; E nós acabamos por aceitar uma crença na uniformidade do comportamento humano; A difusão da cultural global poupou-nos – como povo algum tinha sido poupado antes – de ter de levar a sério as civilizações de outros povos; ela conferiu à nossa cultura uma maciça universalidade". No contexto moderno diz Benedict: "A civilização nunca teve maior necessidade de pessoas realmente cientes do aspecto cultural, capazes de ver o comportamento socialmente condicionado de outros povos de maneira objetiva, sem medo nem recriminação". O racismo e a discriminação social, são uma constante do modelo ocidental de mundo". Com relação a discriminação e disseminação do racismo, de diferentes formas de

cultura diz Ruth Benedict, argumenta: “A descrição de qualquer civilização resumida em poucas dezenas de páginas deve necessariamente pôr em relevo as normas do grupo e expor o comportamento individual porque ele exemplifica as motivações dessa cultura”. Para Ruth Benedict: “Não existe antagonismo propriamente dito entre o papel da sociedade e o do indivíduo. Um dos equívocos mais enganosos decorrentes deste dualismo do século XIX foi a ideia de que o que se subtraía da sociedade era acrescentado ao indivíduo e o que se subtraía do indivíduo era acrescentado à sociedade”. Segundo, Ruth Benedict: A controvérsia existente na teoria antropológica entre a importância do padrão de cultura e a do indivíduo. “É apenas um pequeno estremecimento resultante dessa concepção da natureza da sociedade; Na realidade, a sociedade e o indivíduo não são antagonistas; A cultura fornece a matéria-prima com a qual o indivíduo faz a sua vida”. Concluindo o estudo da cultura antropológica, Ruth Benedict, vai dizer: “O homem comum ainda raciocina com base num necessário antagonismo entre sociedade e indivíduo. Em grande parte, isto acontece porque em nossa civilização as atividades regulatórias da sociedade são selecionadas e nós tendemos a identificar a sociedade com as restrições que a lei nos impõe”. E finalmente com relação ao pensamento social a considerar científica e equilibrada, Ruth Benedict, finaliza: “O pensamento social não tem tarefa mais importante no momento do que considerar adequadamente a relatividade cultural. As implicações são fundamentais tanto na sociologia como na psicologia e o pensamento moderno sobre os contatos entre povos e a constante mudança em nossos modelos tem grande necessidade de uma orientação científica equilibrada”.

DIALOGOS EM AULA – Dr. Professor: EDMUNDO PEREIRA

Segundo o que aprendemos em sala de aula, em diálogos professor e alunos, enfatizadas pelo professor Edmundo Pereira, com relação a difusão do conhecimento popular e da cultura de Franz Boas no século XIX, no mundo nórdico; E que tem haver com o momento histórico por que passava a Europa na segunda guerra mundial. Segundo o que confidenciou Edmundo; A polemica incide sobre dois modos de interpretar a ciência: “A primeira pelo estudo da ciência natural; e a segunda: pelo estudo da filosofia e modo como as narrativas, repertórios de narrativas são abordadas”. Conta-nos Edmundo: Malinowski, no estudo antropológico leva em consideração a circunscrição do local, os aspectos geográficos, a

área delimitada para a pesquisa, o quadro cianótico da Aldeia, croquis de área de pesca, divisão de gênero, associada a narrativa de múltiplas ordens, que são fundamentais para o estudo antropológico”. Em contra ponto, já para Frans Boas, diz Edmundo Pereira: “A narrativa tem grande relevância, sem falar nas regiões circunscritas, que vai gerar a ideia de área cultural, e particularismo histórico. E a retomada da história da antropologia do século XIX; É um somatório do estudo de quatro campos de pesquisa, dentre eles: arqueologia; linguística; antropologia social; antropologia biológica e etnografia”. Com relação ao nosso mestrado diz Edmundo: “O curso de Mestrado de Antropologia Social do Museu Nacional é estruturado para a produção de dados do que é feito na época de Boas. A experiência e vivência no campo passa a ser mais demorada”. Ou seja: “O método de experimentação, e vivência no campo, é central para o estudo antropológico”. E complementa: “Falar de experimentação do estudo antropológico. É falar como a Europa está estruturada naquele momento; O que está em operação no nacionalismo europeu é do estudo das particularidades, do nacionalismo de cada nação, aí incluindo os particularismos dos estudos dos ingleses; franceses e americanos, no estudo da antropologia. O fato marcante do estudo de Boas, segundo Edmundo Pereira, além do particularismo de culturais locais. “São as variáveis; O determinismo do pensamento científico e do pensamento cultural”. Para Boas, diz Edmundo: “Embora a área geográfica do estudo antropológico seja a mesma, ela varia de povo pra povo. Pois existe uma variedade de coisas e formas. E as variáveis são diferentes, na sua condição de adaptação e que não se explica morfológicamente”. Justificando, Edmundo vai dizer: “A Cultura como fator de totalidade coletiva e ordenada, incidi nelas: variáveis: biológicas, ecológicas, geográficas, e por último o particularismo cultural”. Com relação a participação de Boas no estudo da antropologia, Edmundo Pereira, destaca: “Boas teve forte influência na formação de muita gente, pelo menos de três gerações. A primeira geração se debruçou no estudo de todo mapeamento das línguas norte americanas, através de elementos linguísticos das américas; A segunda geração, classificamos de antropólogos, e seus estudos visavam o estudo do caráter de modelos psicológicos na primeira infância, das famílias, e o que tem de elemento cultural. O terceiro ponto, passa pelo romantismo e as expedições alemã, que datam da passagem do século XVIII a XIX, que se consolidou com o estudo dos costumes, caráter e a história do povo Alemão”. Ainda sobre o assunto, Edmundo Pereira, questiona-se, com relação ao que é ser francês e alemão, quando menciona ‘espírito e a alma’. Que para Edmundo: “O

espírito e a alma, passa de uma conotação de cunho semântico religioso, para o campo político, cultural e/o científico humanista. E o que vai modelar isso é a psicologia”, comenta. “De certa forma a noção de mente do século XIX, vai ocupando um lugar explicativo no lugar de alma”. Já na geração de 1930, a coisa muda para um questionamento para uma geração de tipos de caráter cultural”. Interagindo em aula, sobre os temas abordados: Questionei o professor o Edmundo, o que ele podia no falar relativo ao romantismo, e o racismo? Edmundo resumindo o etnocentrismo e os muitos idiomas: raça, cultura, gênero, e inflexões que podem ganhar na análise da cultura. Usou como referencia no assunto Franz Boas Margareth Mead, e Ruth Bendict na sua análise, introdutória e argumentou: “É verdade que Boas sofre o racismo da Alemanha nazista. Por isso argumentava: O racismo é aprendido; É objeto da cultura e da raça. Já Margareth Mead, está direcionando o seu trabalho para a sexualidade”. Na verdade, diz Edmundo: “Boas e Margareth Mead, estão desmontando, problematizando o conceito de raça, sexualidade, poder e idioma, e como elas se configuram. Pois: É na cultura camponesa é que nos vamos encontrar a alma e o caráter do povo”. Para Edmundo: “O método indutivo que vem do naturalismo e da filologia, é uma resposta a esses fatos evidenciados, e exaustividade da produção dos dados e assim por diante”. E continua: “Há uma complexa variação dos dados culturais e particular. Mas o nosso objetivo ao nos referenciar em Franz Boas na década de 1930, é falar da ascensão do fascismo”. E pondera: “O lugar que a antropologia vai ter ainda que possamos problematizar no exercício constante na articulação da cultura; É fazer entender que as culturas se arranjam de uma determinada maneira; E que esses arranjos são históricos e que não podemos escolher variáveis determinantes, pra estabelecer diferenças entre povos, raças e gêneros”, resumiu.

ANALISE CONCLUSIVA

A após a vitória das forças aliadas dos Estados Unidos, ao nacional socialismo e fascismo alemão na Segunda Guerra Mundial. A “Escola da Cultura e Personalidade” ganha destaque no estudo da antropologia, a partir da crítica de Franz Boas, em período que vai de 1858 à 1942. O estudo da antropologia deu um salto com relação aos seus percussores e idealizadores que vão de Malinowski a Franz Uri Boas. A partir do rompimento com o conceito civilizatório da tradição evolucionista. A Antropologia passou a usar o conceito no plural, “adotando uma perspectiva relativizadora e não hierarquizante

das diversas culturas”. Em face a contraposição ao que foi o nazismo, e mesmo o racismo nos Estados Unidos. Boas e seus contemporâneos: Ruth Benedict, Margareth Mead e Edward Sapir, três alunos de Boas, se destacaram na “Escola da Cultura e Personalidade”. Dentre os estudos desses novos doutores: Benedict, estudou os índios da Califórnia, nas planícies do Sudoeste Americano. Já Sapir, em seu estudo sobre “A emergência do conceito da personalidade em estudo de culturas”, destacou-se pelo ao estudar a línguas indígenas do Noroeste Americano. Outra contemporânea Ruth Benedict, assistente de Boas, dava aula de antropologia no Bernard College. Ruth Benedict, Margareth Mead, pôs segunda guerra, tornaram-se referencia no estudo da “antropologia aplicada”. Com o surgimento do estruturalismo, e o falecimento de ambas, seus estudos perderam relevantes contribuição do que foi destaque na “Escola da Cultura e Personalidade”. Mesmo assim, suas contribuições permanecem nos dias atuais como estudo obrigatório da história da antropologia.

Referências Bibliográficas

BOAS, Franz. “Sobre sons alternantes”, “Um ano entre os esquimós” In: Stocking Jr., G. (Org.). Franz Boas. A formação da antropologia americana 1883- 1911. RJ: Contraponto, UFRJ, 1999:pp. 67-80;98-104.

As limitações do método comparativo da Antropologia”, “Raça e Progresso”, “Os objetivos da pesquisa antropológica”. In: Castro, C. (org.) Antropologia Cultural. RJ: Jorge Zahar, 2004: pp. 25-52;67-)

BENEDICT, Ruth. Padrões da Cultura. RJ: Vozes, 2013:pp.13-48; 153-188 (Caps. 1-3; 7-8).

SAPIR, Edward. “A emergência do conceito de personalidade em um estudo de culturas”. In: Castro, Celso (Org.) Cultura e personalidade. Margareth Mead, Ruth Bendict, Edward Sapir. RJ: Zahar, 2015.

MEAD, Margaret. "National Character". In: Tax, S. (Ed.). Anthropology Today. Selections. Chicago: The University of Chicago Press, 1962:pp. 396-421